

SOCIOLOGIA

GT 10: VIOLÊNCIA, ESTADO E CONTROLE DO CRIME

Sessão 2: Polícia, justiça e prisões

FACÇÕES CRIMINOSAS E A INSTITUCIONALIZAÇÃO NA COLÔNIA PENAL DE SIMÕES FILHO – ESTADO DA BAHIA.

Franklim da Silva Peixinho - UFRB

Este estudo tem por objetivo analisar o modo de organização social formada por detentos do sistema prisional baiano, especialmente na Colônia Penal Simões Filho, CPSF, Bahia – Brasil. Numa perspectiva, sociológica, o estudo se concentra na identificação e descrição da morfologia dos grupos de detentos e, como tais associações estabelecem estratégias de comunicação com e na instituição total. Assim, pretende-se identificar os elementos da vida na prisão que desencadeiam o processo de institucionalização do interno, como também em que ponto as ações das facções criminosas que existem na CPSF, estão inseridas na construção da identidade do desviante, e demais sentimentos por estes vivenciados na carreira prisional. Para a construção deste estudo foi realizada a análise documental de ofícios e livros de ocorrências da CPSF, relatos de presos e agentes penitenciários o confronto dos diplomas legais, a leitura de dados de reportagens jornalísticas, acesso a meios eletrônicos, como também se utilizou as informações relatadas em um Diário de Campo, pautada pela observação participante.

1. INTRODUÇÃO

O processo de institucionalização trabalhado por Goffman (2008) enfoca aspectos ligados à assunção de uma nova identidade e a renúncia compulsória a pequenos espaços de propriedade, tidos por elementos constituintes da personalidade de cada indivíduo. Assim, o arquétipo da instituição total além de limitar o contato com meio externo, também incide sobre os indivíduos, com novas pautas de ajustes que marcarão trajetória do interno dentro e fora da vida institucional.

Com base em tais ideias buscou-se neste trabalho uma breve análise empírica acerca do processo de institucionalização, levando em conta a atuação das facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas da Região Metropolitana de Salvador. Para tanto, apresenta-se tais grupos e posteriormente como se dá o ingresso dos presos na Colônia Penal de Simões Filho (CPSF) – Estado da Bahia. Trata-se de um trabalho descritivo, regido pelo método indutivo e pautado pela observação participante, olhar este transcrito em um Diário de Campo, relatos de entrevistas feitas com presos¹⁸¹, revisão bibliográfica e consulta a documentos oficiais.

Por fim, saliente-se que tal trabalho compõe o conjunto de pesquisas que convergem para a dissertação de mestrado apresentada ao Mestrado em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social.

¹⁸¹ Tais foram identificados por números.

2. COMISSÃO DA PAZ E O GRUPO CAVEIRA

A formação de grupos sociais nas unidades prisionais envolve diversos conteúdos de interação, na medida em que os presos desenvolvem suas relações, tendo em vista o alcance de certos fins que a instituição não permite o acesso ao preso. Contudo, este utiliza a própria estrutura da prisão, suas características em termos físicos, como também as formas de sociação¹⁸² que servidores prisionais buscam para uma convivência harmoniosa com os detentos, como meios para suas razões teleológicas (SIMMEL, 1983). Assim, os presos formam uma espécie de cooperação com o corpo de servidores para administrar os problemas da cadeia e mantê-la “na paz”, muito embora, os fatos do dia a dia demonstram uma realidade intracárcere intensamente conflituosa.

No presídio de Simões Filho pode-se constatar esta divisão social do trabalho entre os presos, em que há um grupo responsável por administrar tarefas do dia a dia do cárcere, tais como: a entrega de alimentos, a retirada do lixo, a entrega de medicamentos, a organização dos presos que irão ao médico, defensor público, assistente social e psicólogo, como também por informar a coordenação de segurança por meio do “carteiro”¹⁸³, medidas que precisam ser solucionadas. Estes presos que desenvolvem estas atividades são conhecidos como “frente da cadeia” ou a “faxina”, em regra, se identificam com uma facção ou grupo ligado ao tráfico de drogas na cidade de Salvador-Bahia. Os presos desta unidade prisional – CPSF - são separados em pavilhões, um sob o comando do grupo Caveira, ligado ao traficante Genildo Lima, o “Perna”; e outro, onde estão os presos da Comissão da Paz – a CP – que foi liderado pelo traficante Pity, morto em 2007, em troca de tiros com a Polícia Militar da Bahia (LOURENÇO LUIZ E ALMEIDA, 2013). Esta definição de espaço faz parte de uma cultura da cadeia, com aspectos territoriais ligados ao tráfico de drogas. Na recepção do interno é possível verificar como se dá essa divisão territorial e a compatibilidade do preso com este ou aquele grupo, ilustrando aquilo que Goffman (2008) denomina de cerimônias de profanações do eu¹⁸⁴.

Dia 19/03/2012 – segunda-feira. Ocorrência 79/2012

¹⁸² “[...] uma forma pela qual os indivíduos satisfazem seus interesses” na constituição de uma forma social (SIMMEL, 1983).

¹⁸³ O carteiro é o preso que tem a função de fazer a entrega de remédios, a compra de utensílios no mercadinho e levar algum comunicado à coordenação de segurança ou ao agente penitenciário.

¹⁸⁴ Este conceito trazido por Erving Goffman será mais bem trabalhado na seção deste capítulo sobre as Instituições Totais.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

(...) ingressou na unidade prisional, o interno Antônio Silva, evadido, isto é, o mesmo foi beneficiado com a saída judicial de sete dias, mas, no entanto, não retornou para o restante do cumprimento da pena. Foi lhe perguntado, em que pavilhão o interno poderia ser alojado, o mesmo opinou pelo pavilhão B, sendo assim, alojado na cela denominada “seguro” 1B, para ser observado se a população carcerária aceitaria o ingresso daquele interno no pátio. Para tanto, observou-se que, após a saída dos agentes penitenciários, os internos identificados como “frente da cadeia” fizeram algumas perguntas ao mesmo. (COLONIA PENAL DE SIMOES FILHO, DIARIO DE CAMPO, 2012-2013).

A organização do espaço carcerário a partir das facções delimita a escolha do interno a uma opção existente para filiação, ou ainda, vincular-se ao grupo de presos evangélicos, hipótese esta que estaria livre do assédio das facções Caveira ou Comissão da Paz. Após a recepção institucional por parte da coordenação de segurança da prisão, o contato com os demais presos é uma das mais importantes etapas a ser enfrentada pelo recém-iniciado na carreira delitativa, pois a depender da sua escolha, o interno, certamente, tatuará uma marca que o acompanhará por todo o cumprimento da pena, influenciando ainda na sua progressão ou reincidência criminal, a depender da intensidade dos vínculos estabelecidos, como também representará o salvo conduto ou sentença de morte, conforme o espaço que esteja transitando.

O que mais “rola” na cadeia é isso. O impacto é grande, e algumas “facção” você é obrigado a se envolver, e se você não se envolver você vai pro outro lado, se ele não é um lado, ele é o lado oposto, não tem alternativa, por exemplo, se for um crente ele é separado. Se for “ovelha”, ele é separado, se for pro meio dos “bode” é problema, porque ele vai ter que se infiltrar ali e alguma coisa, ou uma ou outra, ele vai ter que participar, porque neutro, no meio ele não pode ficar. A facção entre um grupo rival e outro, é um querendo ganhar do outro [...] até em cela você não pode andar, porque diz que você “tá” armando pra tomar a frente, eles “cria” essa situação, que então, já é motivo pra você apanhar. E aí, pegou de facção, eles “pega” pra matar, se você é de uma facção, se você é “CP” cai do lado da “Caveira”, você morre, se você é da “Caveira” e cai do lado “PCC”, morre. Você vai tem que decidir, porque ele lhe coloca entre a parede, aí você tem que decidir [...]. É um impacto muito grande, muitas vezes você entra, mas não pra fazer sua vontade, você tá entrando contra sua vontade e uma coisa muito ruim, pro ser humano, não digo nem só pro preso, é fazer uma coisa contra sua vontade (ENTREVISTADO 4).

Estes protocolos informais de recepção são de ciência dos servidores prisionais, como também a gênese de tais grupos que gerenciam os cárceres baianos, de forma que tal realidade está enraizada na praxe administrativa, até mesmo para preservação da integridade física do interno. O agente penitenciário, de início, questiona a qual facção o preso está ligado para evitar agressões e até mesmo assassinatos entre membros de grupos rivais, quando da entrada daquele no pátio. Quando tal fato é ignorado, ainda que o preso seja isolado na cela de segurança, podem ocorrer retaliações por outras

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

formas, como a descrita na ocorrência 063/2013, item 2.4, em que o interno, queixa-se de não receber alimentação, por que o grupo de presos do pavilhão B – ligados a CP - não permitiu a entrega das refeições, por ser ele ligado a facção Caveira.

Os outros internos indagam sobre a procedência dele e a facção. Já os agentes os colocam em uma cela de observação para poder analisar a conduta e os primeiros contatos do interno com a massa carcerária (ENTREVISTADO 1).

[...]

São facções que na maioria das vezes se originam fora das unidades prisionais, mas que são levadas para a realidade intramuros. Por questões de segurança e para manter a integridade física dos internos, o estado acaba separando esses indivíduos de acordo com esses grupos. Isso começa a atrapalhar o nosso trabalho, quando há casos de superlotações. As vezes as celas estão tão cheias, que não cabem mais ninguém. Se os novos internos que adentrarem na unidade pertencerem a determinada facção de determinado pavilhão, e o mesmo estiver superlotado, aí teremos problemas para achar vagas e colocá-los em determinadas celas (ENTREVISTADO 1).

Portanto, não se pode olvidar no estudo dos grupos organizados nas unidades prisionais baianas esta divisão territorial, um espaço de demarcação e assunção de identidades, por partes daqueles que ingressam na instituição total.

3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO NA CPSF.

A entrada do interno em uma unidade prisional está cercada de vários protocolos de recepção, tanto nas esferas oficiais, quanto no âmbito de convivência com outros colegas de cárcere. O recém-chegado na CPSF passa por um processo de admoestação pelos agentes penitenciários e pela coordenação de segurança, em que a disciplina e as regras da unidade prisional são apresentadas – o ajustamento primário - como também, é comum a oferta de conselhos ao interno para este não se envolver em problemas e “tirar a cadeia pelos cantos”¹⁸⁵; em seguida, o interno é colocado na cela de segurança, onde é avaliado pelos outros presos, ocorre aí outro ajustamento primário em relação à vida social dos encarcerados. Assim, após a recepção pelos internos da CPSF, estes informam aos agentes penitenciários se aquele recém-chegado foi aceito ou não no convívio com os demais (DIÁRIO DE CAMPO DA COLÔNIA PENAL DE SIMÕES FILHO, 2012-2013).

¹⁸⁵ Expressão que significa não procurar se envolver em confusões na prisão.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

“Na época a detenção tinha um regime, não existia os ‘direitos humanos’, quando a gente chegava, podia ser alto estudo, apanhava mesmo, pra poder já pegar o ritmo de respeitar, “não senhor, sim senhor”. (ENTREVISTADO 3)

O adentrar do interno na instituição total está cercado de violência, que se diferencia na forma de expressão. A submissão às ordens de uma autoridade e a retirada da esfera de individualidade é uma violência estatal, legitimada pelo direito penal, que correspondem aos ajustamentos primários, mas isso não impede que outras formas ilegais de reforço desta submissão sejam aplicadas na chegada de presos, tais como o uso da intimidação, violência física e verbal.

Rapaz, quando eu cheguei, pelos agentes eu fui mal recebido, eu fui recebido com ignorância, eles recebem a gente como um cachorro, aqui é: “não senhor, sim senhor”, “seja bem-vindo ao inferno”, “se nunca foi no inferno, seja bem-vindo” e depois pelos presos que tirava lá no pavilhão [...], e aí ficaram gritando [os presos], dizendo que eu era matador de ladrão, que na rua eu trabalhava como polícia e “não sei o que” e que lá eu não ia tirar (ENTREVISTADO 4).

Nesse passo, as relações sociais dentro do cárcere, devido ao isolamento com o meio externo, produz uma infinidade de signos que se formam devido às privações e a subordinação perante as autoridades de naturezas distintas e paralelas, tais como os agentes de segurança e os presos líderes da sociedade carcerária. Esta criação de um modo de vida faz parte de um vasto repertório da “cultura da cadeia”, que gravita desde a construção artesanal de alambique para fabricação da “Maria Louca”¹⁸⁶ – cachaça feita de arroz - a estruturação de um sistema jurídico, tributário e/ou um código linguístico: ajustamentos secundários.

Uma das expressões culturais observáveis na Colônia Penal de Simões Filho, no pátio B, são as “ladainhas”, cânticos entoados pelos presos, e expressões como “já é”, que tem por função informar quando os agentes ou alguém, ecologicamente, estranho está prestes a entrar no pátio. No caso dos agentes penitenciários, em regra, sua presença se dá no momento do fechamento e da abertura da cadeia. A ladainha está presente em outros momentos da vida na prisão, na feitura das faxinas do pavilhão, quando um preso está saindo em liberdade, por alvará de soltura ou algum benefício da execução penal; como observa um servidor, “alguns presos puxam certas cantorias e os

¹⁸⁶ JUNIOR, Erizon. JACOBINA: POLÍCIA APREENDE 40 LITROS DE MARIA LOUCA “BEBIDA ALCOÓLICA Á BASE DE ARROZ FEITA POR PRESOS”. Bahia Boa. Net. [S.l.]. 17. mai.2012. Disponível em: <<http://www.bahiaboa.net/2012/05/jacobina-policia-aprende-40-litros-de.html>>. Acesso em: [Acesso 29/03/2013].

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

outros repetem enquanto executam as suas atividades. Eu acho com essas ladainhas, eles se sentem mais unidos” (ENTREVISTADO 1):

Cadê a maloca de escorpião?

Êa!

Cadê a maloca de Piti?

Êa!

Deus levou, mas tá no coração!

E quem não gostou?

Passa o portão!

Chicleteiro eu, chicleteiro ela

Chicleteiro eu, chicleteiro ela

De quem é a arena?

Mestre Piti e Escorpião!

Nós mata aqui, nós mata lá,

Em qualquer lugar

Mata aqui e mata lá fora Se mandar pegar, nós pega

Se mandar matar, nós mata. (LOURENÇO LUIZ e ALMEIDA, 2013, p. 43-44).

“Ladainha” do grupo Caveira:

É nós, é nós, quando a Caveira passa

É nós, é nós, a gente esbagaça

Salva cadeia! Na manha

Eu sou Caveira de coração

Eu sou do bonde que esbagaça os “alemão”

Qual a missão da Caveira?

Mata CP sem misera,

Como ideia?

Uma só! (DIÁRIO DE CAMPO DA COLÔNIA PENAL DE SIMÕES FILHO 2012/2013).

Em outro ponto, a linguagem forma uma identificação de mundo e espaço, que influencia e interfere no comportamento alheio, não sendo incomum a utilização das gírias e construções fonéticas dos presos por parte dos agentes penitenciários e demais

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

servidores, até mesmo na redação de documentos oficiais, como se lê no Ofício nº 691/08; “[...] o interno em baila, foi transferido em caráter de URGÊNCIA, em função de ter ‘passado o portão’, procedimento este, adotado pelos internos que se sentem ameaçados de morte [...] – [grifos no original]”. Na elaboração dos livros de ocorrência, feitos pelo chefe do plantão, também se encontra tais expressões: “após entendimento com a ‘frente’” – Ocorrência nº 352, item 2.7, 19/12/2012 – “passou o portão” – Ocorrência nº 364, item 2.9. Assim, diante dessa nova conjuntura de signos, servidores prisionais e internos se encontram em um novo processo de socialização, que, inexoravelmente, estão e serão intermitentemente submetidos.

Pelos relatos de ocorrências, a não adequação aos ajustamentos primários da instituição total e da sociedade carcerária, origina o “passar o portão”, uma situação em que o interno, pede para sair do pavilhão ou é expulso, na maioria das vezes, após ser espancado, em virtude de descumprimento de alguma regra da vida carcerária, dívidas não pagas, roubos cometidos dentro do pavilhão, desrespeito com a visita de outro interno ou ainda não cumprimento de um acordo. O Entrevistado 3, relata que foi acusado de uma infração na convivência carcerária, pois, segundo o mesmo; “disseram que eu ‘tava’ ‘chocando’¹⁸⁷ família de preso”¹⁸⁸. Há normas que estabelecem privilégios e direitos aos presos mais velhos, estes têm funções no cárcere, tais como a descrita no depoimento de um preso que entregou “a faca ao interno mais velho da cela” (PAD 01/2013) para que este informasse a “frente da cadeia” que tal objeto foi achado entre os seus pertences, de forma que somente aquele interno, o mais velho, é quem poderia

¹⁸⁷ Chocar é o ato de observar a visita de outro interno. Quando uma visitante entrar no pátio da cadeia os presos param e viram as costas até a mesma ir para a cela do visitado.

¹⁸⁸ Com relação às regras de convivência no cárcere tem-se, por exemplo, a proibição de “chocar a visita” alheia, isto é, olhar ou procurar intimidade com a visitante de outro preso. Nesse sentido, um preso da Penitenciária Lemos de Brito, no Complexo da Mata Escura, Salvador, conhecido como “Ravengar”, frente ou “xerife” do corpo I, daquela unidade, criou um código de normas e o imprimiu para distribuição entre os demais sentenciados. Tal documento ficou conhecido como o “Código de Ravengar”, e dentre os preceitos normativos, denominadas de “obediências”, tinha-se as seguintes: “Obediência IV Constitui-se desobediência o interno que circular em dias de visita sem camisa, com short apertado e visualmente sem cuecas”. RIOS, Mariana, GAUTHIER, Jorger e LYRIO, Alexandre. Código de ética elaborado por traficante dita normas na PLB. Ravengar chegou a sugerir o uso do estatuto pelo Estado como regra geral. Correio da Bahia. Salvador. 06. out. 2009. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-4/artigo/codigo-de-etica-elaborado-por-traficante-dita-normas-na-plb/>>. Acesso em: 12. Mar.2013.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

fazê-lo. Este tem ainda a função de avisar quando há um interno doente, impedindo que outros internos batam nas celas.

[...] Porque o preso mais velho, ele tem moral, o mais novo tem que ficar “sapatinho”, tem que ficar “pianinho”, quieto, pelos cantos, que nem “diz” eles, né? [...] Tem a punição que a pessoa toma o tapa de leve, toma o “sacode” e fica de boa, mas tem punição que leva a morte, dependendo do fato, do espancamento, a pessoa pode morrer, dependendo das pancadas que a pessoa vai levar, a pessoa pode ir a óbito, né? [...] Porque a gente tá encurralado por duas leis, a lei da justiça e a lei da cadeia. Tem a lei do mais velho, o mais velho pode “fazer isso”, pode “fazer aquilo” porque é mais velho e você não pode fazer isso, porque chegou agora, é novato, é “corró”, como eles “fala”[...] como eles “diz”, errou, como você pegou algo de pessoas sem pedir, você não pode pegar sem pedir, aí você pegou sem pedir, já é um motivo, você deu mole, vacilou, você chegar e sentar na cama do preso sem pedir, não pode porque eles tem uma coisa de “tá limpo”, “aqui é pra visita”, “senta aqui no chão, não sei se tu é doente, não sei se tu tá são”, aí fica nesse negócio, tudo já é um motivo, tudo é motivo pra você sofrer uma violência. (ENTREVISTADO 4).

As ameaças circundam também a teia de submissões tensamente vividas, que se desenvolvem intestinamente; o ofício 498/08 da CPSF, por exemplo, informa a transferência de dois internos em virtude das ameaças sofridas e por não poder, a unidade prisional, garantir a integridade física dos mesmos. Assim, se constitui os diversos elementos necessários para a construção do ser institucionalizado na CPSF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso do interno nas unidades prisionais inaugura uma nova etapa na vida do desviante. O desenvolvimento de estratégias de vida no ambiente prisional é um fato social, imperativo para aqueles que se encontram institucionalizados.

Realidade premente são as redes de poder que há nas prisões com as lideranças da Comissão da Paz e do Grupo Caveira. As formas sociais ali encontradas informam uma sociedade secreta, que se deixa revelar em alguns pontos, mas não completamente. E nesse sentido, quem entra e quem sai, para onde vai, se poder ir ou não, o controle realizado pelos presos da “frente da cadeia”, é de certo modo, um poder reconhecido e, paradoxalmente, ignorado pela administração pública nos atos oficiais.

Esta cultura da cadeia implica em submissões, assunção de identidades e códigos que alimentam a maior crença nas normas internas do cárcere, do que em relação regras oficiais do Estado. Tem-se, então, a verdadeira ressocialização do ingresso, na assimilação dos preceitos da sociedade carcerária e a incorporação de tais signos à

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

personalidade do interno, de forma que o processo de institucionalização no sistema prisional baiano tem um novo elemento na sua constituição, as facções criminosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

DIÁRIO DE CAMPO DA COLÔNIA PENAL DE SIMOES FILHO. Relato sobre as rotinas dos internos do Presídio de Simões Filho, Bahia, elaborado para a redação da dissertação de Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012-2013.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

JUNIOR, Erizon. JACOBINA: POLÍCIA APREENDE 40 LITROS DE MARIA LOUCA “BEBIDA ALCOÓLICA Á BASE DE ARROZ FEITA POR PRESOS”. Bahia Boa. Net. [S.l.]. 17. mai.2012. Disponível em: <<http://www.bahiaboa.net/2012/05/jacobina-policia-apreende-40-litros-de.html>>. Acesso em: [Acesso 29/03/2013].

LOURENÇO, Luiz Claudio; ALMEIDA, Odilza Lines de. “Quem quer manter a ordem, quem quer criar desordem” - dinâmicas das gangues prisionais no estado da Bahia. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 25, n. 1.2013.

RIOS, Mariana, GAUTHIER, Jorger e LYRIO, Alexandre. Código de ética elaborado por traficante dita normas na PLB. Ravengar chegou a sugerir o uso do estatuto pelo Estado como regra geral. Correio da Bahia. Salvador. 06. out. 2009. Disponível em:

<<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-4/artigo/codigo-de-etica-elaborado-por-traficante-dita-normas-na-plb/>>. Acesso em: 12. Mar.2013.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.